

Tão longe, tão perto: o Brasil pelas páginas da revista Realidade¹

VIEIRA, Leylianne Alves²

LEITE, Marcelo Eduardo³

Universidade Federal do Cariri, UFC

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar parte dos resultados da nossa pesquisa sobre a revista Realidade. A ênfase se encontra em discutir como tal publicação procura mostrar aos brasileiros aspectos de um país até então pouco conhecido para boa parte da população. Para tal, damos relevo à forma pela qual ela propunha o reconhecimento do Brasil por meio de alguns de seus personagens. Neste sentido, elegemos então o jangadeiro (em “Uma vela contra o mar” – Narciso Kalili e Luigi Mamprin) e o garimpeiro (em “Diamante, calibre 38” – Carlos Azevedo e Roger Bester).

Palavras-chave: Revistas Ilustradas; Revista Realidade; Fotografia; Brasil.

Abstract: This work has the objective to present some of the results of our research about Realidade magazine. The emphasis is in discussing the way like such publication looks to show for brazilians aspects of a country until then little known to part of the population. To this end, we point the manner in which it used to propose the recognition of Brazil through its characters. In this sense, then we chose for jangadeiro (in “A sail against the sea” – Narciso Kalili and Luigi Mamprin) and garimpeiro (in “Diamond, 38 caliber” – Carlos Azevedo and Roger Bester).

Keywords: Illustrated Magazines; Realidade Magazine; Photography; Brazil.

Apresentação

O presente trabalho apresenta alguns aspectos da pesquisa que desenvolvemos e que tem como fim a sua apresentação como Trabalho de Conclusão de Curso. A referida pesquisa busca, dentro do universo das revistas ilustradas, dar relevo às singularidades da revista Realidade, publicação brasileira importante que circulou entre os anos de 1966 e 1976.

Nossa abordagem busca compreender algumas formas do trabalho jornalístico, com ênfase nas reportagens especiais, mais densas que o convencional e que permitiram uma interação forte entre fotógrafo e repórter. Nesse momento damos atenção ao material publicado no primeiro ano de vida da revista e que se relacione a temas ligados ao

¹ Uma primeira versão desse trabalho foi apresentada no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado no ano de 2012 em Recife (PE).

² Mestranda em Comunicação pela Universidade de Brasília. Endereço eletrônico: leylianne.av@gmail.com.

³ Doutor em Multimeios pela UNICAMP. Professor Adjunto na Universidade Federal do Cariri, Ceará. Líder do Grupo de Estudos do CNPq Estudos Fotográficos. Endereço eletrônico: marceloeduardoleite@gmail.com.

reconhecimento do país, permitindo uma avaliação do papel da mesma num âmbito mais amplo, no qual o reconhecimento da diversidade e das diferenças possa ser visto de forma inovadora por um meio mais reflexivo, com uma proposta de aproximação diferenciada.

Procuraremos dar destaque à forma como as reportagens se apresentam construídas. Temas e fontes, além da construção do discurso fotográfico e o diálogo que é edificado entre ele e as linguagens que fomentam a fotoreportagem. Teremos como objetos desta análise duas reportagens, a saber: “Uma vela contra o mar” (texto de Narciso Kalili e fotografias de Luigi Mamprin) e “Diamante, calibre 38” (texto de Carlos Azevedo e fotografias de Roger Bester).

1. O jornalismo impresso no século XX: o pioneirismo das revistas ilustradas

Em se tratando da especificidade das revistas como etapa fundamental da história do veículo no jornalismo impresso, do fotojornalismo e, posteriormente das fotorreportagens, poucas são as revistas brasileiras que apresentam tantas singularidades como a Realidade, inclusive sua importância poderia ser reconhecida no cenário internacional. Falamos isso, pois, a maior parte das reportagens e/ou revistas que são tidas como relevantes no processo de transformação vivido pelo jornalismo impresso no século XX tem origem na Europa e nos Estados Unidos. Sendo assim, faremos um levantamento parcial das principais publicações que tiveram importância com relação ao encontro entre fotografia e texto.

A revista, de forma mais ampla, enquanto gênero intermediário entre o jornal e o livro, surge na Alemanha, mais precisamente em Hamburgo, no ano de 1663. Tal publicação recebeu o nome de *Erbauliche Monats-Unterredungen* (Edificantes Discussões Mensais): “O objeto era igual a um livro, mas com assuntos variados, ainda que reunidos sob um mesmo tema, no caso a teologia” (CORRÊA, 2005). Scalzo (2008, p. 19) destaca que tal publicação foi considerada como sendo uma revista por apresentar vários artigos versando sobre um mesmo tema, se direcionar a um público específico e se propor a ser publicada periodicamente.

No entanto, a primeira revista ilustrada do mundo surge apenas no ano de 1842, na Inglaterra: foi intitulada *Illustrated London News* e publicada regularmente até o ano de 1971. O primeiro número tinha 16 páginas de textos e 32 de gravuras, segundo Corrêa

(2005). No ano seguinte, 1843, foram lançadas mais duas revistas ilustradas: *L'Illustration*, na França e *Leipziger Illustrirte*, na Alemanha.

“No início da década de 1880, revistas, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, adotaram o método de impressão de meios-tons para publicar maravilhosas reproduções fotográficas” (KOBRE, 2011, p. 419). Um exemplo de revista ilustrada semanal desta época é a *Paris Illustré*, lançada em 1883. Na mesma década, tivemos a primeira fotografia impressa por meio mecânico, no *New York Daily Graphic*. Desta forma, devemos considerar que estamos diante de um processo lento de aproximação entre duas linguagens, o texto e a imagem. Primeiro o desenho, depois a fotografia. É notório que a mídia impressa sempre buscou o uso da imagem, apenas a sua evolução dependia de condições técnicas para tal. Os primeiros ensaios fotográficos foram publicados no *Le Journal Illustré* e no *Le Figaro*, no ano de 1886 (PANZER, 2006, p. 12).

Em meio à demanda surgida no final do século XIX, são criadas as primeiras agências de imagens. No ano de 1894, em Londres, a *Illustrated Journals Photographic Supply Company* se propunha a fazer e entregar qualquer fotografia em 24 horas; quatro anos depois, em 1898, George Grantham Bain funda a *Bain News Service*, tornando o fotojornalismo, oficialmente, uma profissão remunerada (PANZER, 2006, p. 12).

Junto às agências de notícias, a organização das revistas por assuntos específicos também começa a se desenvolver. A aparição de novos títulos se deu, especialmente, no que tange à vida cotidiana. De acordo com Panzer (2006, p. 12), estas publicações satisfaziam um desejo humano: a descoberta do novo, do exótico e do estranho. Nessa vertente do uso da fotografia como forma de re-conhecer o mundo, a *National Geographic* (1888) foi a primeira a enviar jornalistas e fotógrafos para lugares ou civilizações distantes, a fim de explorarem, juntos, o que seria posto na revista.

Com a utilização das fotografias, as reportagens passaram a vender mais, agregando valor à notícia. As histórias que tinham maior vendagem e precisavam mais de fotografias eram as que tratavam de desastres e guerras. Mesmo assim, durante a Primeira Guerra Mundial poucas imagens foram publicadas, tendo em vista que a censura oficial impedia algumas fotos de saírem do campo de batalha: aquela era a condição para que os fotógrafos pudessem circular livremente (PANZER, 2006, p. 13).

Já na França, nasce, no ano de 1928, uma das revistas ilustradas de maior expressão no mundo e que se tornou referência mundial, a *Vu*. O semanário ilustrado foi idealizado pelo jornalista Lucien Vogel e integrou, no seu time de fotógrafos, Robert Capa,

que para ela fez a cobertura da Guerra Civil Espanhola. A publicação se propunha a estampar imagens que traduzissem acontecimentos políticos nacionais e internacionais, colocando seus leitores em contato com o mundo (PANZER, 2006, p. 13). A revista teve uma vida curta, circulando por 10 anos.

No ano de 1930, Henry Luce lançou a revista *Fortune*, uma publicação de economia e finanças em plena Grande Depressão. “Na *Fortune*, as fotos tinham o mesmo status que o texto. O tratamento respeitoso das fotos funcionava tão bem que até meados da década, embora o país ainda estivesse em uma grave depressão, a *Fortune* havia conquistado 100 mil leitores” (KOBRE, 2011, p. 437).

Em novembro de 1936, Henry Luce lança mais uma revista de sucesso: a *Life*. Dentro da primeira edição da revista estava presente um ensaio da fotógrafa Margaret Bourke-White: nove páginas sobre os residentes das proximidades da construção de uma barragem em Montana. A primeira edição trazia, ainda, uma reportagem sobre os principais pontos turísticos do Brasil, estampando uma fotografia do Pão de Açúcar (CANDIDO, 2012).

A principal concorrente de *Life* foi a *Look*. Fundada pelos irmãos Cowles e lançada em 1937, foi baseada em uma pesquisa feita junto aos leitores de jornais, que apontou as páginas ilustradas como as mais lidas. Concentrava-se em matérias de variedades e rapidamente foi taxada como sensacionalista (KOBRE, 2011, p. 438).

No bojo do avanço na qualidade das séries fotográficas e do seu uso nas revistas, a fotografia documental, que emerge no início do século XX, teve papel importante. Alguns dos mais destacados fotógrafos da década de 30 surgiram ou integraram o grupo que compunha a *Farm Security Administration* – FSA (Administração para Segurança Agrária). As fotografias realizadas durante o programa puderam ser vistas em livros de fotografia documental, na mídia de massa, em panfletos governistas e até mesmo em exposições de arte (KOBRE, 2011, p. 439).

No pós-guerra surgem importantes revistas no mundo, todas seguindo o modelo difundido pela *Life* e, posteriormente, pela *Paris Match* (1949). Apresentavam um mundo e uma forma bem definida de sociedade, modelavam as formas de pensar e a consciência nacional (PANZER, 2006, p. 19-20). Nas Américas do Sul e Central tivemos também um crescimento significativo na quantidade de revistas ilustradas e jornais periódicos (PANZER, 2006, p. 27). E, no Brasil, as importantes chegadas de *O Cruzeiro* e *Manchete*, em 1928 e 1952, respectivamente.

Nesse sentido, o panorama no qual as reportagens que fazem uso da junção de texto e fotografia, gerando uma narrativa própria, consolida-se, estando aberto o espaço para publicações mais reflexivas e que poderiam fazer dessa modalidade novas formas de narrativa.

2. Um novo tempo em revista(s): *O Cruzeiro, Manchete e Realidade*

A imprensa se desenvolve no Brasil a partir da chegada da família real portuguesa, em 1808, e junto dela a Imprensa Régia¹. A partir dali passam a serem impressos livros e folhetos na corte. No entanto, a reboque da chegada da imprensa, a censura prévia foi estabelecida nos territórios de domínio português na América, tanto pelo poder civil (o Ordinário e o Desembargo do Paço) quanto pelo eclesial (o Santo Ofício) (MOREL, 2008, p. 23).

Neste sentido, a história da revista no país começa no ano de 1812, com *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*, publicada por Manoel Antonio da Silva Serva (NASCIMENTO, 2002, p. 15). No entanto, apenas no ano de 1928 surge uma publicação que inovou por suas temáticas e grandes reportagens, a revista ilustrada *O Cruzeiro*. Esta

[...] foi a primeira revista de circulação nacional de fatos diversos a introduzir a linguagem da fotorreportagem. Criado em 1928 e reformulado em 1945, esse periódico revolucionou a técnica e o espírito do jornalismo ao romper com a influência das escolas européias na imprensa brasileira. (ANDRADE; CARDOSO, 2001, p. 246).

De acordo com Patrícia Ceolin Nascimento (2002, p. 17), a revista *O Cruzeiro* foi um marco no jornalismo em revista, especialmente em função de suas reportagens, sendo a dupla que mais se destacou Jean Manzon e David Nasser, na década de 1940; estes viajavam para variados locais do país e retornavam com fotografias e histórias de impacto. Marialva Barbosa (2002) destaca como principal característica deste periódico o relevo dado à leitura de imagens.

O Cruzeiro possuía agentes em todas as regiões do país. Além disso, ainda contava com correspondentes nas cidades de Lisboa, Nova York e Madrid, entre outras cidades do exterior. Ainda de acordo com Barbosa (2002), quase metade das páginas do primeiro número era dedicada à publicidade; além disso, cada matéria apontava, ao lado do texto, o tempo médio que se levaria para completar aquela leitura.

A publicação só veio a apresentar um crescimento considerável na década seguinte a do seu lançamento e desenvolve novas táticas para conquistar o público. Investe em maquinários que ainda não eram comuns no Brasil e passa a se utilizar da fotografia em todas as matérias, visando à fidelização dos leitores (BARBOSA, 2002).

No ano de 1952, Adolpho Bloch lança a revista *Manchete*, principal concorrente da *O Cruzeiro*. A popularidade da revista se deu em função da publicação de reportagens históricas e, além disso, também possuía uma concepção apontada como moderna e o espaço para a fotografia era amplo (NASCIMENTO, 2002, p. 17). Jean Manzon igualmente foi o principal fotógrafo de *Manchete*, após sair da *O Cruzeiro*. Quanto ao texto, a publicação contava com a colaboração de grandes nomes (ANDRADE; CARDOSO, 2001, p. 250-251).

De acordo com Andrade e Cardoso (2001, p. 251), “O apogeu da *Manchete* coincidiu com o declínio de *O Cruzeiro* e com a transferência de dezessete jornalistas deste periódico para a *Manchete*, em 1958 [...]”. Os autores ainda definem a publicação da seguinte forma:

[...] a revista apropriou-se da linguagem e do discurso do fotojornalismo. As fotografias ocupavam em média 70% das páginas nas fotorreportagens, mas chegavam a ocupar páginas inteiras. Os textos e legendas preenchiam as lacunas entre títulos e subtítulos, fotografias, gráficos, desenhos e quadros que eram inseridos para facilitar a compreensão dos leitores. No estilo literário da época e com um português primoroso, a linguagem dos textos era quase poética e se inspirava na fotografia principal da matéria. (ANDRADE; CARDOSO, 2001, p. 252).

Já no ano de 1966 é lançada mais uma revista que faria uso da linguagem fotográfica e da narrativa em suas reportagens, porém, o fez de uma forma diferenciada de tudo até então feito no país, trata-se de *Realidade*. A publicação, pensada pela Editora Abril, inovou na forma de usar tanto do texto quanto da imagem, sendo considerada um exemplo de qualidade jornalística, de acordo com Nascimento (2002, p. 17).

A revista *Realidade* é um marco na história do jornalismo brasileiro. Sob qualquer ângulo que possa ser estudada, a publicação da Editora Abril, lançada em 1966 e produzida durante 10 anos consecutivos, representa para os profissionais da imprensa e para os estudiosos da vida cultural brasileira um momento obrigatório de referência, tanto pela abrangência dos temas que reportou como pela forma como o fez (FARO, 1999, p. 13).

Entre os principais redatores da revista estavam José Hamilton Ribeiro, Roberto Freire, Narciso Kalili e Carlos Azevedo. Do ponto de vista da fotografia, destacamos os trabalhos de Cláudia Andujar, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin e Roger Bester. A revista sofre algumas limitações após o Ato Institucional Nº 5, em dezembro de 1968, perdendo parte de seu vigor; contudo, continua a publicar trabalhos de grande qualidade jornalística, no entanto, acaba sufocada pela censura (FARO, 1999, p. 20).

3. O contexto histórico do jornalismo nos anos 1960 e a revista Realidade

Como vimos, a revista Realidade nasce num momento bastante fecundo do jornalismo impresso. No passar do século XX, as revistas ilustradas ganham as bancas e ditam uma nova lógica de consumo de notícias. As fotorreportagens vão muito além de ser uma nova forma de narrativa, configurando-se num importante meio de informação e que tem um determinante papel político, sobretudo com as coberturas da revista *Life* da guerra do Vietnã, cujas fotorreportagens modificaram a opinião pública sobre o conflito (KOBRE, 2011, p. 447-448).

Na mesma época, surge nos estados Unidos o denominado *new journalism*, especialmente com a revista *Esquire* (PANZER, 2006, p. 22). Neste novo gênero, jornalismo e literatura se confundem, criando um texto aprofundado e o mais próximo possível do 'real'.

Outras publicações com o mesmo caráter surgiram ao redor do mundo. Realidade é apontada como o veículo que teria tido maior influencia deste no Brasil (VILAS BOAS, 1996, p. 92). As reportagens de cunho literário exigiam tempo, longas viagens e, sobretudo, o bom trabalho das duplas que se lançavam pelo país atrás de grandes reportagens. A revista fez uso da fotografia jornalística de forma ousada e, ao mesmo tempo, deu liberdade aos jornalistas de texto para que eles desenvolvessem artigos com uma liberdade literária pouco comum.

O estilo chamado de *new journalism* diz respeito aos textos que estão no limiar entre o jornalismo e a literatura. De acordo com Lima (2009, p. 191), o *novo jornalismo* foi o ponto final de um caminho onde jornalistas buscavam igualar seus textos com a qualidade narrativa da literatura, sem perder a potencialidade de captação da realidade. No

cerne das narrativas do *novo jornalismo*, estão os escritores do realismo social, sendo Balzac o nome mais influente dentre eles.

O gênero começou a tomar forma nos primeiros anos da década de 1960, uma época na qual a contracultura influenciava o comportamento e transformava as relações sociais e culturais. É neste vasto campo que vão surgindo os jornalistas que definem um novo estilo, “[...] mergulhando cada vez mais fundo na realidade em rápida transformação, sentindo de perto e por dentro o pulsar da sociedade [...] para o nascer de mais uma de suas múltiplas faces contemporâneas” (LIMA, 2009, p. 194).

Assim como na época da contracultura, o novo jornalismo trazia uma nítida impressão de mergulho total do jornalista na realidade. Nestes textos, a objetividade somava-se à subjetividade das impressões do repórter que passava, muitas vezes, meses investigando um mesmo assunto. Segundo Lima (2009, p. 197), no ano de 1969 o novo jornalismo, que obtivera um *status* próprio de literatura, não poderia mais ser considerado inferior. Características que se assemelham com as observadas em Realidade, mesmo não sendo possível afirmar que a revista tenha sido inspirada naquele gênero.

Nesse sentido, nosso objetivo inicial é, dentre a produção da revista Realidade nos seus primeiros anos, entre sua fundação e a decretação do AI5, refletir sobre as formas inovadoras de se fazer jornalismo que ela proporciona. Ainda, nossa pesquisa está contemplando temáticas que tem como preocupação compreender melhor o Brasil distante do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, pois reconhecemos, historicamente, que as formas de interpretar tais espaços, na maioria dos casos, os tratam como exótico, atrasado, com pouca alteridade e reconhecimento das suas diferenças. Nesse sentido, apresentaremos aqui duas matérias publicadas no ano de 1966, e que estão sendo objeto de nossa análise pontual nesse espaço.

4. Brasil em duas reportagens

Uma vela contra o mar

Esta reportagem faz referência ao trabalho dos jangadeiros no litoral nordestino. É uma forma de trabalho bastante comum na região, mas que se mostra desconhecida para outras localidades do país, uma vez que vários termos próprios deste ambiente estão em destaque e necessitam de uma definição, como no exemplo: “Com a **biquara** (vara onde se

levam dependuradas as linhas de pesca e os anzóis) nas costas, Pedro saiu da bodega, atravessando a rua cheia de areia” (KALILI, 1966, p. 42).

A imagem de abertura da reportagem “Uma vela contra o mar”, realizada na praia de Canoa Quebrada, no estado do Ceará, ocupa cerca de dois terços da página dupla, deixando apenas uma faixa de texto abaixo do mar azul. As letras do título estão sobrepostas à imagem, na cor branca e em uma espécie de simetria com a página seguinte, onde, também num tom mais claro (tendendo para o amarelo), está uma jangada. Texto e imagem dialogam diretamente, especialmente no que tange ao título (Figura 1).



Figura 1: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 2, p. 42-50, maio, 1966 (pp. 42 – 43)
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Nas páginas seguintes, as imagens apresentam ao leitor os três personagens principais da reportagem: Pedro (personagem em torno do qual a reportagem se desenvolve), Raimundo (filho de Pedro) e Valdemar (filho de Raimundo). A mesma família vista na página impar, na página par aparece pondo sua jangada no mar, dando início ao dia de pescaria. No alto da página, os dizeres: “Êstes 3 homens não vivem sem o mar” (Figura 2).

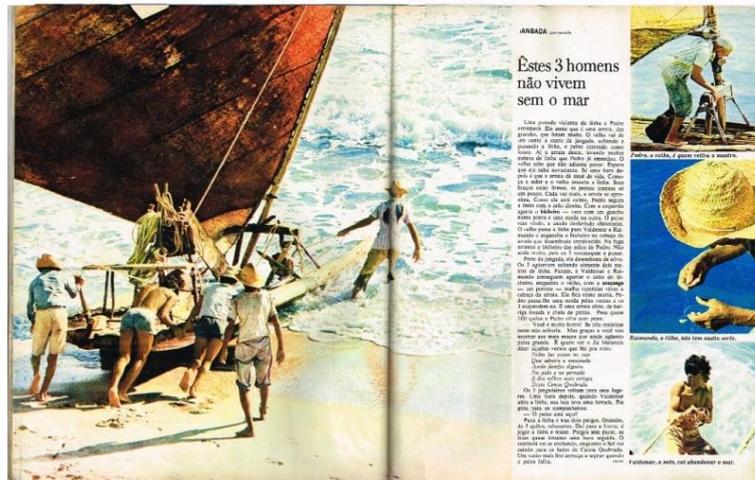


Figura 2: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 2, p. 42-50, maio, 1966 (pp. 44-45)
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Na Figura 3, mais alguns personagens aparecem na reportagem. Um destes é um poeta local, cujos versos ajudam a conduzir o texto. O mar não deixa de se fazer presente. Uma fotografia feita a partir da própria jangada, indicativo da busca de um olhar íntimo do fotógrafo, ilustra a forma como se dá a pescaria: no segundo plano se pode ver Pedro com uma linha na mão, ao passo que, no primeiro plano, Raimundo olha para o mar, ao mesmo tempo em que está encostado no material de pescaria. Além disso, a página 47 ainda apresenta um ponto doloroso apontado pelo texto: a morte de muitos pescadores no mar (explicitado por meio de uma espécie de cemitério na areia).



Figura 3: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 2, p. 42-50, maio, 1966 (pp. 46-47).
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Na próxima página da reportagem (Figura 4), é chegada a hora de sair do mar. Ao mesmo tempo em que o texto fala dos preparativos do retorno para a costa, como a

salgadura do peixe e mesmo a volta a terra, as imagens já retratam a jangada sendo manobrada e levada à praia.



Figura 4: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 2, p. 42-50, maio, 1966 (pp. 48 – 49).
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Por fim, na última página (Figura 5), a imagem que se destaca é uma espécie de retrato da família, no qual grande parte dos familiares de Pedro se encontra em frente a uma casa de taipa, estruturada por meio do trançado de palhas e pedaços de madeira. Além disso, a reportagem é encerrada dando ênfase à imagem de uma criança feliz, neto de Pedro, carregando o peixe vindo recentemente do mar.

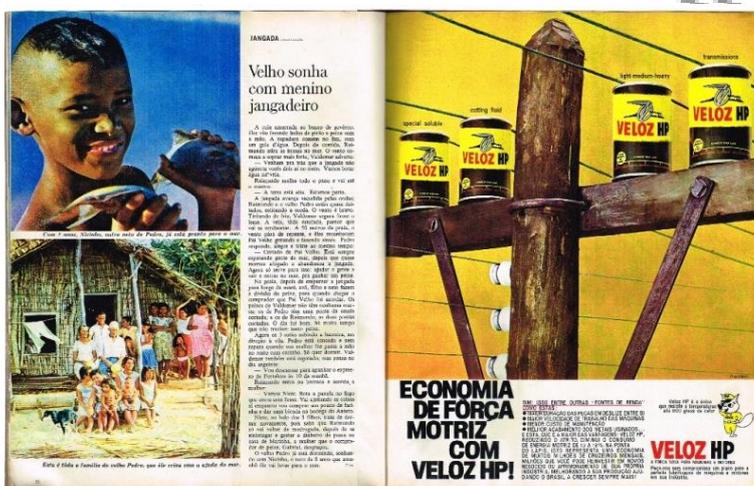


Figura 5: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 2, p. 42-50, maio, 1966 (pp. 50-51)
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Vale destacar, nesta reportagem, a presença de diálogos e transcrições do que seriam pensamentos dos personagens. Pedro, por exemplo, pensa sobre o futuro do neto: “Pedro Teófilo fazia fôrça para aguentar a jangada, que corcoveava como um cavalo branco, e pensava: - Valdemar está com problemas. Se êle abandonar o mar tenho que trazer Niciano comigo” (KALILI, 1996, p. 43). Ambientações também são feitas ao longo do texto, apontando-se características do lugar, tanto no mar quanto na terra. Desta forma notamos que o texto e as imagens buscam uma intimidade com a realidade abordada, dando a eles a possibilidade de se mostrar, características que, a nosso ver, demonstram uma vertente diferenciada da revista.

Diamante, Calibre 38

De forma semelhante com o que falamos anteriormente, a imagem de abertura da reportagem intitulada “*Diamante, calibre 38*”, de julho de 1966, é uma fotografia que ocupa cerca de três quartos das primeiras páginas. O espaço restante é ocupado por texto e, especialmente, com o título da matéria. Vale destacar que a fotografia trás três elementos principais: uma mão calejada pelo trabalho pesado, diamantes e uma arma embainhada com projéteis em destaque. Sendo estes os elementos que se ligam diretamente ao texto, no entanto, não se faz possível afirmar que o título tenha sido pensado tendo a imagem como referência (Figura 6).



Figura 6: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 4, p. 84-90, jul, 1966 (pp. 84-85).
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Nas duas páginas seguintes (Figura 7), são apresentados, tanto em forma de prosa quanto de fotografia, o ambiente no qual trabalham os garimpeiros. As condições de realização da atividade e até mesmo os tipos de peneiras utilizadas são descritas no texto, por Carlos Azevedo, na forma de explicações aos termos ali encontrados, como é o caso do seguinte exemplo: “Resta a **refina**, peneira de malhas muito miúdas, dela só escapa areia” (AZEVEDO, 1966, p. 86). Na página 87 tem espaço, por meio de fotografia, o primeiro personagem da reportagem: Ulisses, o “Valente dos Diamantes”, homem esperto que transforma pedras ruins em boas, por meio da química.



Figura 7: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 4, p. 84-90, jul, 1966 (pp. 86-87).
 Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Além disso, alguns personagens são destacados ao longo do texto, humanizando um trabalho que se mostra extremamente violento e perigoso. Nas duas páginas seguintes (Figura 8), quatro destes são apresentados aos leitores, a maior parte com um cenário característico de sua vida. Destacamos as fotografias de duas mulheres, em condições sociais completamente distintas, que compõem a narrativa: ao passo que a da página da esquerda vive do desejo dos garimpeiros, a da direita sonha com um futuro diferente, ter um marido e sair daquele lugar. O texto é dividido por subtítulos, que em alguns casos podem ser entendidos como subtemas do texto.

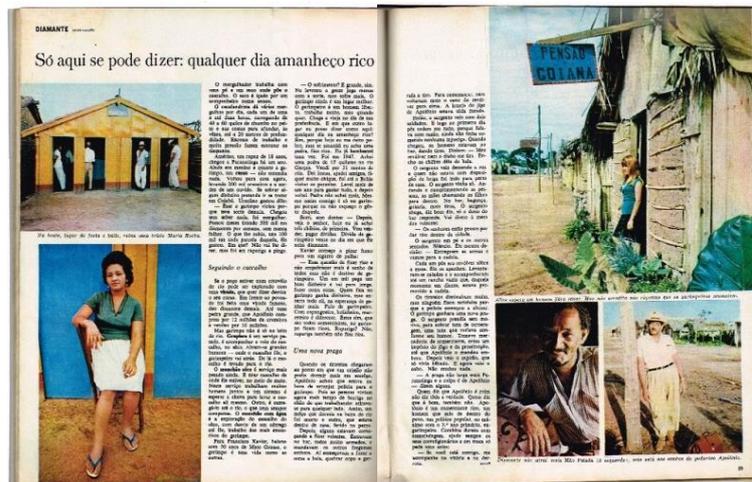


Figura 8: REALIDADE, Editora Abril, São Paulo, n. 4, p. 84-90, jul, 1966 (pp. 88-89).
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos do CNPq

Por fim, uma página que não faz uso de fotografias, carregada apenas por texto, na qual é descrito um garimpeiro que “Tem dívidas, ganha pouco [...], triste, pedindo notícias do Brasil” (AZEVEDO, 1966, p. 90). Ainda nesta página existe um box, no qual são apontadas ‘as faces do diamante’. O texto começa e termina com a mesma frase: “É só pena que avoa” (AZEVEDO, 1966, p. 84), atribuída a um personagem local conhecido como Mão Pelada.

Considerações Finais

A revista Realidade teve uma vida curta, de apenas 10 anos. Mas, logo no ano de lançamento, 1966, se comparado às reflexões sobre questões desconhecidas da cultura brasileira, deu bons exemplos do estilo de jornalismo que pretendia alcançar. Com textos leves, beirando a literatura, apresentou um Brasil diferente: construído por depoimentos diretos dos personagens, e fotografias que buscam um aprofundamento na realidade, além de liberdade criativa tanto para a produção de texto, como para a imagem. Esta característica do novo jornalismo parece ser a mais forte encontrada nos textos dos repórteres da publicação. Cada narrativa é composta por diálogos e pensamentos que apenas o convívio e, conseqüentemente, uma pesquisa poderiam tornar possível.

Nossa leitura aponta que, nas duas reportagens descritas e exemplificadas, temos uma fração do que Realidade pretendia: re-conhecer o Brasil e mostrá-lo aos brasileiros. As duas temáticas abordadas provêm de regiões afastadas do eixo Rio - São Paulo e, provavelmente, praticamente desconhecidas pelos leitores ou, se conhecidas, esse

reconhecimento muitas vezes carregado de arquétipos e falas preconceituosas. As fotografias dão subsídios para a construção de um cenário que mostra aspectos diversos da realidade, bem como o texto contribui com a composição do seu sentido: assim, texto e imagem, juntos, possibilitam ao leitor entender as relações existentes naquela região.

Sendo assim, percebemos que a revista Realidade se propunha a realizar pautas diversificadas, e, neste caso em especial, mostrando formas distantes e diferentes de trabalho, dando conta da questão em mais de um ponto do país e, sobretudo, contribuindo para a possível construção da imagem de brasileiros batalhadores.

Referências

- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2001, vol. 21, n. 41, p. 243-264. ISSN 1806-9347.
- AZEVEDO, Carlos. Diamante, calibre 38. *Realidade*, São Paulo, n. 4, p. 84-90, jul, 1966.
- BARBOSA, Marialva. O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/marial6.htm>>. Acesso em 24 abr. 2012.
- CAMARGO, Angélica Ricci. Impressão Régia. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2733>>. Acesso em: 02 dez. 2013.
- CANDIDO, Simone. Pontos do Rio mostrados na 'Life' de 1936 encantam americanos. 2012. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/pontos-do-rio-mostrados-na-life-de-1936-encantam-americanos-4068692>>, acesso em 26 fev. 2012.
- CORRÊA, Thomaz Souto. Breve história das grandes revistas. 2005. Disponível em: <http://cursoabril.abril.com.br/servico/noticia/materia_110603.shtml>. Acesso em: 07 fev. 2012.
- FARO, José Salvador. Revista REALIDADE – 1966-1968 – Tempo de reportagem na imprensa brasileira. Ulbra/AGE, 1999.
- KALILI, Narciso. Uma vela contra o mar. *Realidade*, São Paulo, n. 2, p. 42-50, maio, 1966.
- KOBRE, Kenneth. Fotojornalismo: uma abordagem profissional. São Paulo: Campus/Elsevier, 2011.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4 ed. Barueri: Manole, 2009.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-43.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

PANZER, Mary. Introducción. In: Las cosas tal como son: el fotoperiodismo en contexto desde 1955. World Press Photo. Art Blume: Barcelona, 2006, p. 8-33.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

ⁱ “A Impressão Régia foi estabelecida pelo decreto de 13 de maio de 1808, com a finalidade de se imprimir toda a legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais e quaisquer outras obras. Subordinada à Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, sua abertura no Brasil representou o fim da proibição de instalação de tipografias, que vigorou durante o período colonial” (CAMARGO). Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2733>>. Acesso em: 02 dez. 2013.